

RAMÓN PASQUAL MUÑOZ SOLER

SINAIS A-NUNCIADORES

Initium Millennii

I

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



SINAIS A-NUNCIADORES

INITIUM MILLENNII

De que se trata?

- **não** se trata de cálculo cronológico: reducionismo historicista.
- **não** se trata de discurso metafísico sobre os conteúdos da história: reducionismo ontológico.

Não se trata de retomar a reflexão filosófica sobre o ser e o tempo. Não podemos voltar sobre o conhecido porque o que “é” deixou de ser: colapso da imagem do mundo. Não podemos compreender o que está, porque o que está escapa à “lógica” de nossos instrumentos: colapso da antiga fisiologia.

Já não temos mais tempo!

Não se trata do “começo” de outra história nem do tempo do “fim” da história. Trata-se de dar **vida** a um nascimento originário: transfiguração espiritual do homem. Esse acontecimento fundacional não é representável na ordem de sucessão histórico-temporal dos acontecimentos. Mas então, por que falamos de **Initium Millennii**, como dando a entender que se trata do “tempo” em que algo (ou Alguém) há de vir?

Initium Millennii não é marca no tempo:
é “símbolo” de ruptura de simetria do tempo.

Initium Millennii é, essencialmente, **início**: irrupção de um sopro primordial nas águas da vida que in-prime na matéria uma nova *signatura*. Heidegger faz distinção entre o “começo” das coisas no tempo (Beginn) e aquilo que chama “início-origem” (Anfang): “de onde as coisas surgem e para onde se encaminham”. A linguagem, já seja metafísica, histórica, mítico-poética se torna insuficiente para

esclarecer o “vínculo” entre esse *initium* (de onde as coisas surgem e para onde se encaminham) e esse **millennium** (que marca o começo das coisas no tempo e o caminho do tempo, entre o começo e o fim do tempo). Ao dizer **Initium Millennii** abandonamos todas as formas conhecidas da linguagem e nos dispomos a escutar a palavra numinosa que ressoa no teclado invisível das moléculas da vida: **resonantia-Verbum**. Ao querer traduzir esta “resonantia-Verbum” à linguagem corrente, surge a figura simbólica de

Sinal A-nunciador.

Por que “A”-nunciador e não simplesmente “anunciador”?

Porque “resonantia-Verbum” é palavra anterior: palavra que é **antes** da palavra. Não falamos aqui de precedência cronológica, mas de anterioridade ontológica: não é o “núncio” quem fala (outro mensageiro, outro intermediário), senão que é o Verbo quem antecipa a palavra ao núncio.

Quando digo **Initium-Millennii** não me refiro ao “milênio” como objeto de conhecimento, mas como símbolo de **advento**. O que até agora chamamos “conhecimento” (*visio cognitionis*) já está, pelo menos em grande medida, em mãos dos circuitos eletrônicos: cada vez conhecemos melhor a face visível das coisas, e não tão melhor a trajetória das coisas. O que “agora” nos cabe - ao sermos ‘tocados’ pelo raio **inicial** do novo Éon - é dar “vida” à luz que ingressa: para que o nascimento inicial que ‘toca’ a matéria se transforme em “germe” de vida.

Mudança qualitativa na signatura do tempo: a chave do mundo
vindouro não é ideológica, mas gen-ética.

Não se trata de dar fundamento ontológico às transformações do mundo, mas de dar “vida” ao in-pulso pro-fético que rompe a simetria do tempo histórico: prelúdio humano da transfiguração social do Verbo.

Somos **prot-agonistas** de uma fratura histórica que não
podemos explicar,
mas que pre-sentimos como sinal A-nunciador de um novo
início.

Já não temos mais tempo!

Além do tempo cósmico, do deslocamento das franjas do espectro da luz, de estrelas distantes - e aquém do tempo intrínseco da matéria (além do tempo “escrito” nas leis mais gerais do cosmos e aquém do tempo “inscrito” nas moléculas da vida) irrompe no tempo do homem de hoje um torvelinho de **Não-tempo** que con-figura (com o homem) uma nova geometria da vida: transfiguração gen-ética dos valores. E ponho ênfase nisto de “gen-ética”, porque a chave do novo signo não é uma transvaloração intelectual de todos os valores (interpretação historicista da “vontade de poder” na filosofia de Nietzsche) e sim, uma reversibilidade (gen-ética) dos valores humanos, na gigantesca obra de transfiguração social do Verbo.

Subitamente entramos na onda vibratória de uma nova
dimensão da vida:

consciência expansiva.

Já não se trata de assinar um novo pacto de convivência na sociedade planetizada (“contrato social”), de restabelecer o antigo pacto com a Natureza (rompido pelo homem: Monod), de adaptar-nos para as mudanças na natureza do poder - “Powershift” em termos de Alvin Toffler (pacto tecnológico) - senão que se trata de **participar** com a própria vida do “ritmo”, da “ressonância”, do “enlace”

(Aliança) de um novo pacto com a Vida. Talvez, em não muito tempo, as novas tecnologias nos permitam transformar as pedras em pão: “mensagem de salvação pela técnica”, em palavras de Thomas Berry. Porém, hoje como ontem: “Não só de pão vive o homem”.

Qual é a **palavra** do homem, a “nota” vibratória
inicial
que faça possível entoar um novo canto do homem
com a Vida?

Não é fácil para nós instalar-nos no ritmo alterno da nova Aliança: tropeçamos com a resistência de uma matéria que se opõe à passagem da luz. Porém, voltando à pergunta, qual é a “nota” crítica que, ao entrar em ressonância com a luz, faz explodir a taça?

A mensagem da era que se **inicia** foi anunciada pelos místicos, antes de ser formulada pelos doutores (e quando digo **antes**, não me refiro a uma precedência cronológica e sim, ontológica). Porém, existe um fato digno de ser tido em conta: hoje como ontem, a Revelação não veio na forma em que havíamos imaginado. No Éon Cristão, a palavra-Verbo teve que revestir-se do tecido conceitual da filosofia grega. No novo Éon de “constelação dos opostos” (nas palavras de Jung), a palavra pro-fética (palavra anterior) entra em ressonância com os paradoxos da ciência moderna, con-figurando uma nova estrutura da linguagem: “Chave” **profético-científica** de poder: novo código gen-ético.

Os sábios e os santos falam hoje a mesma língua.

No novo Éon, Einstein dialoga com Rabindranath Tagore e David Bohm com Krishnamurti. E no mesmo espaço sagrado em que Teilhard de Chardin oficia sua

“Missa sobre o mundo”, Einstein recebe em sua alma, ao modo dos antigos profetas, as equações cósmicas de poder: “Uma luz resplandecente se fez dentro de mim” (o místico e o cientista participam da mesma revelação). Essa “revelação” não é algo que vá acontecer, senão que já aconteceu.

Já se produziu o alumbramento global da consciência por ruptura de simetria do tempo histórico.

Já não temos mais tempo. Mas, ao mesmo tempo, pre-sentimos a plenitude do tempo (*“plenitude temporis”*).

Initium Millennii não é o começo de um novo milênio: (na linha horizontal do tempo cronológico), mas o fim **da antiga** ciência, da antiga filosofia, dos antigos valores, da antiga imagem do mundo, e o **início** de um novo acoplamento das forças da vida na escala vertical das significações.

Essa mensagem **vibratória** (que não é do tempo, senão que con-figura o ritmo do tempo) comove hoje as próprias bases da vida: não só rompe as formas cristalizadas da antiga cultura (que “esqueceram o Ser”), senão que desestrutura a antiga fisiologia humana (enfermidades de autoimunidade) e muda a polaridade do campo magnético da antiga Terra (reaquecimento do planeta e ruptura de simetria do ecossistema).